O conceito aparece em "Frango" para contestar algumas ideias pré-cozinhadas, tanto à esquerda como à direita: A esquerda tem acreditado que igualar os resultados para todos é o justo, ignorando que indivíduos diferentes têm necessidades e capacidades diferentes. A direita tem acreditado que a igualdade de oportunidades é suficiente, sem perceber que uma competição verdadeiramente justa exige alguma igualdade de capacidades entre os indivíduos.

Porém, há uma ideia que atravessa todo o livro, independentemente do ingrediente em questão, e que é central no pensamento de Ha-Joon Chang: a rejeição de uma dieta exclusivamente à base de políticas neoliberais.

Estamos a atravessar uma era de monocultura económica?
Essa é uma questão com a qual me tenho debatido. Nos anos 60, 70 e até no início dos 80, as pessoas tinham as suas visões e repudiavam correntes opostas, mas conseguiam reconhecer que havia formas distintas de olhar para a economia. Infelizmente, no fim dos anos 80, convergimos para uma visão intelectualizada e monocultural, em que se defende que só existe um sistema económico e um conjunto de políticas viáveis, assentes em privatizações, iniciativa privada, mercado livre e investimento estrangeiro. Não estou a dizer que estas medidas sejam todas más, mas estamos a trabalhar apenas com uma receita e isso, obviamente, não funciona.

O que explica este afunilamento?
Nas últimas décadas temos assistido a campanhas levadas a cabo por quem tem o dinheiro e o poder para fundamentar esta retórica, usando, em alguns casos extremos, políticas repressivas. Nas universidades, inclusivamente, as visões de esquerda estão a ser gradualmente afastadas. A economia liberal tornou-se a norma e isso reflete-se num poder monopolista que olha para as outras correntes como inferiores. E isto é um processo que se alimenta: os departamentos de topo das empresas e a opinião-pública são controlados por pessoas que dizem que Keynes não é um bom economista, porque não é citado tantas vezes como outros economistas neoliberais. Se a maior parte dos economistas de hoje são defensores da economia de mercado livre e não gostam da visão de Keynes, porque haveriam de o citar?

Mas também têm surgido contrapontos a essa visão...
As coisas estão a mudar, não por iluminação dos académicos, mas porque o domínio neoliberal deu origem a crises em 2007 e em 2011 e isso abalou as suas estruturas. Para a maioria dos economistas, porém, as crises financeiras da história do capitalismo são um mal menor. Para eles, não há nada fundamentalmente errado nisso. Mas durante estes períodos houve um revivalismo das ideias de Keynes [assentes na natureza instável do capitalismo e na sua incapacidade de promover o bem-estar comum]. Paralelamente, a ascensão da China, o declínio dos EUA, os problemas na Europa e a emergência de economias do sul global têm forçado a maioria dos economistas a mudar o seu posicionamento em matéria de economia política e teórica. O mundo está a mudar, a intelectualização monocultural está em declínio, mas o problema é que as ideias dominantes não mudam da noite para o dia.



AP

Chang defende que as tarifas de Trump "nunca vão resultar" e o crescimento da China "vai ser imparável"

Conselho

"Taxem mais o turismo [em Portugal] e usem parte do dinheiro para financiar programas públicos de habitação"

"NAS UNIVERSIDADES, AS VISÕES DE ESQUERDA ESTÃO A SER GRADUALMENTE AFASTADAS"


JOÃO CORTESÃO

A imigração permite-nos usufruir de uma gastronomia variada, mas muitos são contra os imigrantes. "Isto é um paradoxo", diz Chang

Por falar nos EUA, tem defendido que as tarifas de Trump não vão tornar a "América Grande Outra Vez". Porquê?
As tarifas apenas funcionam se, paralelamente, houver investimento nas empresas e crescimento de produtividade. Isso é o que se passa na China e foi o que se passou no Japão, na Coreia do Sul e, no passado, nos países europeus aquando da industrialização. Infelizmente, o Governo dos EUA não tem nenhum plano para incentivar as empresas americanas a investir. Ainda que as medidas de Trump possam gerar lucros extras para as empresas, o dinheiro será distribuído pelos acionistas. Nos últimos 30 anos, o mercado acionista americano retirou mais dinheiro das empresas do que aquele que injetou. É chocante ver que em 1950 os EUA eram responsáveis por 60% da manufatura global e que atualmente a percentagem está em 16%. Em 1985, ainda era 30%, que é onde a China está hoje. Mesmo que queiram voltar àquele patamar e mesmo que cresçam ao dobro da velocidade a que decaíram, vão demorar 20 anos para lá chegar e Trump não tem um plano para os próximos 20 anos. As tarifas nunca vão resultar, o crescimento da China vai ser imparável e, no fim, os EUA vão ter de chegar a um entendimento com a China.

"Vocês tornaram-se vítimas do Instagram"
Neste debate das nações que se vai desenrolando ao longo do livro, com saltos históricos e retóricos mais ou menos acrobáticos, Portugal aparece por duas vezes. Em "Bolota", a propósito da expulsão dos judeus da Península Ibérica, no século XV, e em "Banana", para falar do mercado de escravos (a propósito, o autor lembra que os portugueses adotaram a palavra "banana" a partir das línguas bantas da África centro-ocidental).


FOTOS GETTY IMAGES



No livro, Chang usa a palavra "banana" para falar do mercado de escravos

Os sul-coreanos adoram alho: consomem, em média, 7,5 quilos por ano

Chang não está desligado do que se passa no nosso país, seja no que diz respeito à gastronomia – diz-se fã de bacalhau e de arroz de polvo –, seja noutros assuntos. "Em março estive pela primeira vez no Porto (antes só tinha estado em Lisboa) e não pude acreditar na quantidade de coreanos e americanos que encontrei. Onde estão os portugueses?" Falemos, então, da crise de habitação.

Portugal é um dos países da União Europeia em que o custo da habitação mais cresceu desde 2020. As famílias portuguesas gastam, em média, 82% do seu rendimento líquido para pagar uma renda e 76% para comprar uma casa...
Vai haver sempre pressão no mercado da habitação, porque a oferta não pode ser alargada da mesma forma que acontece com outros bens. Não é possível importar casas e são precisos terrenos para construir. Numa sociedade desequilibrada, as pessoas mais ricas vão sempre conseguir comprar casas boas e pagar e cobrar rendas altas. Mas Portugal tem ainda outro problema, relacionado com o turismo. Muitas casas foram convertidas em Airbnb e os cidadãos não conseguem pagar os preços de mercado, o que coloca o País perante uma situação preocupante de direitos fundamentais, mas também preocupante em termos económicos, porque nem os trabalhadores conseguem viver em cidades como Porto e Lisboa, nem as empresas se conseguem fixar lá. Vocês tornaram-se vítimas do Instagram.

Como podemos reverter esta situação?
A solução tem de passar por uma combinação de habitação pública, de subsídios para os mais jovens e para as pequenas empresas e pela diversificação da atividade económica para outros setores que não o turismo. Pelo menos, taxem mais o turismo e usem parte do dinheiro para financiar programas públicos de habitação. Claro que o setor se vai queixar, mas os turistas vão regressar, porque não existe um outro Portugal. É preciso compreender isso. É do vosso país que se trata, não de uma Disneyland para coreanos e americanos.

Que prato devemos provar se formos a um restaurante sul-coreano?
Se for na Coreia, diria *sashimi* de polvo, até porque os portugueses gostam muito de polvo. Num restaurante coreano fora da Coreia, aconselho o *spicy pork bulgogi*. A carne de porco, fatiada finamente, é marinada em *gochujang*, que é basicamente um *miso* [chamado na Coreia *doenjang*] feito com muito chili. É acrescentado um pouco de açúcar para equilibrar a acidez e alho. Vão adorar.

Livro

Economia comestível

Autor
Ha-Joon Chang

Editora
Casa das letras



"NÃO EXISTE UM OUTRO PORTUGAL. É DO VOSSO PAÍS QUE SE TRATA, NÃO DE UMA DISNEYLAND PARA COREANOS E AMERICANOS"